



O corpo em mensagens midiáticas que tematizam o esporte¹

Lourdes Gabrielli² é professora na Universidade Mackenzie e coordenadora do curso de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica PUC-SP.

Tânia Hoff³ é professora do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo na Escola Superior de Propaganda e Marketing ESPM-SP.

RESUMO

Nesse artigo, a partir dos estudos de Calabrese, pretendemos estabelecer possíveis aproximações entre o neobarroco e a atualidade. Abordando duas das características apontadas pelo referido autor – o excesso e a complexidade – desenvolvemos uma análise das imagens de corpo presentes nas mensagens midiáticas que tematizam o esporte. Consideramos que a idéia de superação dos limites físicos do corpo do atleta, bem como a de diversidade étnica e cultural que constituem tais imagens aludem ao imaginário de corpo pós-orgânico, aprimorado, para além do bem e do mal. O corpo do atleta sintetiza, pois, aspirações da sociedade.

Palavras-Chave: esporte e cultura; identidade cultural; imaginário; corpo; mídia.

* * *

Aproximações: o neo barroco e as mensagens midiáticas

Omar Calabrese ao realizar uma releitura do barroco à luz de idéias muito difundidas no final do século XX, identifica características neo-barrocas que aproximam os dois momentos históricos: Repetição, Excesso, Fragmentação, Instabilidade, Desordem, Complexidade, Nós e Labirintos, Imprecisão, Distorção. Explica: “O declínio de certas formas de racionalidade não pode ter como consequência a liquidação da racionalidade, mas apenas a procura de formas de racionalidade diferentes e mais adequadas ao contemporâneo” (1987:11).

A *Repetição* refere-se à estética da repetição, parte da estética barroca é facilmente explicada pela lente neobarroca, é dividida em três elementos fundamentais:

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação e Esporte, do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom 2006.

² Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, é professora de Criação Publicitária e co-autora do livro *Redação Publicitária*, publicado pela editora Campus em 2004.

³ Doutora em Letras pela FFCHL – USP, desenvolve atualmente o projeto de pesquisa “Corpo e Imaginário na publicidade brasileira” junto ao Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo na Escola Superior de Propaganda e Marketing ESPM-SP. É co-autora dos livros *Erotismo e Mídia* (2002) e *Redação Publicitária* (2004).



a variação organizada, o policentrismo e a irregularidade regulada, derivada de ritmo. A repetição e variação andam lado a lado, e chegamos mesmo a testemunhar um certo “amor pela variação regulada”, que leva a uma relação entre criação e repetição, longe do aspecto primeiro da repetição que é a associação com má qualidade ou falta de originalidade.

Calabrese cita exemplos como *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, para ele um protótipo da estética neobarroca por tratar-se de um “imenso fresco de invariantes semânticas, narrativas, figurativas, onde tudo é citação e onde a mão do autor sobrevive na combinação e na inserção dos sistemas de variantes próprias dos diversos tipos de leitores-modelos previstos para o romance” (1987:59). A citação, por si, é considerada um dos principais modos de expressão do pós-moderno. Além disso, temos as séries de TV, com repetições reguladas e o ritmo que as torna plausíveis; as modificações nas personagens, feitas em ciclos confortavelmente definidos; o minúsculo número de variantes num programa de TV semanal; as repetições de um mesmo tema criativo, que se repete em todas as peças de uma campanha publicitária, bem como a publicação repetida da peça num mesmo veículo em busca de frequência⁴.

Da mesma forma, a repetição está presente nas imagens de corpos de esportistas: o mesmo atleta não só aparece nas mais diferentes mensagens midiáticas – peças publicitárias, programas de televisão, matérias jornalísticas, artigos de revistas etc -- como também se repete como imagem de corpo modelo do esporte. Ronaldinho Gaúcho exemplifica esse tipo de *Repetição* na mídia brasileira, pois, tendo recebido da FIFA o título de melhor jogador de futebol do mundo em 2005, torna-se representante maior do futebol principalmente em ano de copa do mundo. Muitos outros exemplos poderiam ser citados se se considerar atletas cuja imagem ganha relevância em função de sua performance e da cobertura da mídia por ocasião de importantes campeonatos.

Limite e Excesso, a segunda característica neobarroca, tem uma definição que pode levar a pensar tanto a efervescência anunciada por M. Bakhtin, quanto a fronteira explicitada por I. Lotman. Calabrese explica: “O limite é realmente o trabalho de levar às extremas conseqüências a elasticidade do contorno, mas sem o destruir. O excesso é a saída do contorno, depois de o ter despedaçado. Transposto: franqueado através de uma passagem, de uma brecha” (p. 64). Para Bakhtin, a efervescência cultural leva a romper limites, o “excesso” de Calabrese, e os limites que são fluidos e despedaçam-se são as

⁴ nome que se dá ao número de vezes que um receptor é impactado pela mesma mensagem publicitária.

fronteiras transponíveis, de Lotman. A excentricidade ou o ato de exceder, de buscar o excesso são facilmente compreensíveis nos mais diversos gêneros da cultura, pois, conscientes de seus próprios limites materiais, invadem territórios limítrofes.

Para falar a verdade, é também difícil falar de publicidade, música, teatro: meios e linguagens estão a interferir reciprocamente numa espécie de intertextualidade na origem, e não numa intertextualidade como única hipótese de funcionamento da cultura. Um *spot* publicitário assemelha-se hoje com frequência a um videoclip. (...) Na excentricidade se opera, pois, a passagem total para a margem, a “pele” da obra, com uma pesquisa hoje orientada para o formalismo e a estetização, contra uma centralidade outrora baseada, por exemplo, na ética ou na emocionalidade (1987: 71).

Como característica do neobarroco, Calabrese destaca o trabalho no excesso, e não simplesmente o trabalho no limite, pois não são todos os movimentos culturais que subvertem certas operações de estilo. As imagens de corpos de atletas veiculadas na mídia denunciam a busca pelo excesso: a melhor manobra de um surfista na melhor das ondas; o momento de superação de um atleta no momento mais dramático de uma competição; o esforço físico para a quebra de um recorde; o lance mais performático de um jogo – independente da modalidade esportiva -- em que se demonstra o preparo físico dos jogadores. Nota-se que o corpo do atleta exemplifica o aprimoramento, ou seja, a superação dos limites do corpo “normal” ou sem preparo/treinamento.

Pormenor e fragmento são a terceira característica neobarroca, um movimento de “declínio da inteireza”, explica Calabrese. A fragmentação, que revela os pormenores, faz perder os grandes quadros de referência da totalidade, e faz os fatos tornarem-se autônomos, não sendo reconduzidos ao seu hipotético inteiro. A estética do fragmento é “um espalhar evitando o centro”, o que leva a uma exigência formal e de conteúdo. “Formal: exprimir o caos, a casualidade, o ritmo, o intervalo da escrita. De conteúdo: evitar a ordem das conexões, afastar para longe ‘o monstro da totalidade’ ” (p. 101). A fragmentação dos corpos de atletas veiculadas pela mídia é uma constante: o detalhe de um músculo, o foco numa parte da perna ou do braço ou ainda num tornozelo revelam tratar-se de um corpo retalhado.

Em *Instabilidade e Metamorfoses*, o autor relata um grande número de “formas informes” ou os monstros do cinema e da televisão dos últimos anos: ETs, Aliens, Jedi, A Coisa e muitos outros objetos metamórficos de videogames, todos fatores de instabilidade. Trata-se de ambivalência na recepção da comunicação, seja ela artística



ou de qualquer outro tipo. Gerar instabilidades e fomentar metamorfoses de sentido é uma das características neobarrocas.

Nesse sentido, o corpo treinado e preparado para o esporte passa por metamorfoses: são inúmeras as mensagens midiáticas que tematizam as transformações do corpo do atleta. O treinamento, o processo de transformação é cuidadosamente abordado: o impacto no público em geral é significativo, posto que a publicidade utiliza-se de renomados atletas como “garotos ou garotas propaganda” apoiando-se na possibilidade de transformação do corpo.

Desordem e Caos, são sinônimos de máxima complexidade e revelam dimensões fractais da cultura. O primeiro exemplo são os objetos fractais, o segundo, as turbulências na fonte e o terceiro, a caoticidade na recepção ou consumo. No primeiro, estão as vinhetas que cortam a transmissão na televisão, bem como os comerciais que interrompem e fragmentam as mensagens com novas mensagens, no segundo, o procedimento fractal de produção de imagens virtuais, e no terceiro, o que Calabrese chama de consumo produtivo na recepção. Trata-se da recepção não passiva, mas interpretativa ou recepção como estética, quando, no ato de consumir um objeto cultural, produz-se uma interpretação que muda a própria natureza do objeto. Os expectadores interrompem, recortam, fragmentam a informação, e este fracionamento do fluxo comunicativo transforma-se em estética. É um “palimpsesto individual feito de fragmentos de vária medida das imagens transmitidas”(p. 144).

A *Desordem* e o *Caos* são características que constituem as imagens de corpos atletas em mensagens midiáticas: os momentos em que o corpo atua na prática de um esporte são recorrentes nesse tipo de imagem. O corpo em ação, superando seus limites, é o que comumente vemos nos cadernos de esportes, nos programas esportivos na televisão. Ou seja, o receptor participa da jogada; interage com jogo e com os atletas. Se o jogo é constituído por uma seqüência de lances não definidos, o caos está contido na sua dinâmica; também a ação dos atletas não está definida. Podemos considerar no jogo convivemos com a *desordem* e o *caos*.

Nó e labirinto, a sexta característica, são figuras profundamente barrocas, explica o autor, pois remetem a termos como “agudeza”, “astúcia”, “maravilha”, “entrançamento”. São a “imagem estrutural do próprio saber: um saber aberto interdisciplinar, em movimento, sempre sujeito ao risco da perda de orientação’. Os requisitos do labirinto, “perder-se, ausência de mapa, miopia teórica, movimento”(p. 154) são a imagem do saber contemporâneo, um caminho que se percorre sem memória



e de maneira veloz, mais rapidamente que as modificações que nele se operam freqüentemente.

Ao introduzir-se instabilidade num sistema, ele passa a dissipar energia. Paradoxalmente, ao invés de levar à entropia, esta operação conduz à formação de uma nova ordem. Este é o princípio da *Complexidade e Dissipação*, uma postura degenerativa por definição pode levar a re-criação, e não é difícil encontrar exemplos na cultura. O autor cita campanhas publicitárias cuja criação consiste em reelaborações de filmes de campanhas anteriores, ou ainda paródias televisivas, como programas de improvisação que intensificam as decorrências indesejáveis do imprevisto ao vivo como gafes ou erros de linguagem. Este tópico ingressa no conceito de efêmero, aspecto que não exploraremos nos limites desse artigo.

Vago, indefinido, indistinto, são valores da *Imprecisão*. Na cultura contemporânea, a imprecisão é desejada, entre outros, nos improvisos da televisão, a estética do risco: “risco de falhar, risco de ficar parado, risco de dizer ou fazer o que é proibido” onde se perde o controle da exatidão. Obscuridade e vaguidade também são adjetivos adequados, e a publicidade traz um exemplo: os slogans publicitários são frases preferencialmente curtas, que conjugam a precisão e a imprecisão em sua construção. Precisão porque o objetivo é transmitir o maior número de informações desejáveis com o menor número de palavras e esta limpeza de palavras coadjuvantes se faz de maneira rigorosa. Imprecisão porque com este número reduzido de palavras pretende-se despertar todas as ilusões e despistar todos os equívocos, lembrando um dos conceitos de Olivier Reboul.

Distorção e Perversão é o último item, e fala de “uma geometria não euclidiana da cultura”, convidando a não produzir modelos exageradamente unificados e simplificados. A história da cultura é uma sucessão de estabilizações e desestabilizações. Os movimentos e idéias estabilizam-se ao encontrar conforto junto aos costumes culturais e estratificam seus significados. Ora são retomados na sua função estereotipada, ora transformam-se em elementos de reelaboração, tornando-se ambíguos, desestabilizados, à deriva.

Ressalte-se a idéia de sociedades híbridas, de multiculturalismo, muito discutida na mídia na contemporaneidade principalmente em decorrência dos imperativos mercadológicos da globalização, não é novidade, pois encontra-se presente nos estudos acerca de cultura desde o início do século passado, bem como sempre esteve presente nas imagens midiáticas que tematizam o esporte.



Os parâmetros para o entendimento da época neobarroca por Calabrese dá a exata compreensão da pertinência da idéia de mediação como fator de recepção produtiva de mensagens. A polidimensionalidade contemporânea leva à recepção produtiva e a recepção produtiva, por sua vez, leva ao aumento da polidimensionalidade. Esta reciprocidade sustenta a sensação de poder de re-criação do receptor ao entrar em contato com uma mensagem, o que lhe confere certa autonomia. Até que ponto ela se sustentará é uma pergunta ainda difícil de responder.

Das características neobarrocas apontadas até aqui -- Repetição, Excesso, Fragmentação, Instabilidade, Desordem, Complexidade, Nós e Labirintos, Imprecisão, Distorção – destacamos duas para discorrer a respeito do imaginário das imagens de corpo presentes nas mensagens midiáticas que tematizam o esporte: o *Excesso* e a *Complexidade*. A primeira porque o corpo do atleta é apresentado como uma superação do corpo “normal” e a segunda porque a competição esportiva revela-se uma instância complexa, multicultural, capaz de abrigar o novo, o diferente e a transformação.

Imaginário e esporte: o controle e a superação dos limites do corpo

No imaginário médico, a idéia de imperfeição encontra-se associada à doença: o corpo doente carece de intervenção para voltar a ser saudável. Em outros termos, para a medicina, o corpo é um “vir a ser”, ora porque precisa debelar a doença, ora porque pode ser submetido à ciência. A superação encontra-se na tanto na perspectiva de cura quanto na de poder transformador da ciência: a medicina científica tem o corpo como lugar de experimentação, pronto para superar os limites impostos pela condição humana.

Entenda-se por superação da condição humana uma transformação do corpo, ou seja, uma passagem do orgânico – humano -- para o inorgânico -- pós-humano ou corpo-máquina --, dada a possibilidade de intervenção científica por meio da tecnologia. A doença e o envelhecimento, por exemplo, são faces da imperfeição, na medida em que revelam a fragilidade e temporalidade da carne. São representações da morte: o corpo em estado original caminha para o fim, mas o aprimoramento, alcançado por meio da ciência e da tecnologia, aponta para eliminação deste aspecto negativo.

Na temática do pós-humano ou do transhumano, há referências mítico-religiosas que apontam para a superação dos limites corporais: “As fantasias de superação dos



limites corporais, da ubiqüidade das subjetividades tecnológicas ou da digitalização do *self*, entre outras, apontam para um desejo de fuga de escape do tempo e do espaço”(Felinto; 2003: 25).

Em que se fundamenta tal concepção de corpo? Segundo Lecourt (2003), o imaginário religioso fundamenta os discursos da inteligência artificial, o qual afeta a compreensão das relações possíveis entre ciência e corpo. As questões de biotecnologia sustentam duas correntes de interpretação do pós-humano, ou seja, a biotecnologia poderia fundamentar a desapareição do corpo orgânico a partir do desenvolvimento de um corpo-máquina ou possibilitar o seu aprimoramento. Na primeira perspectiva, observa-se um horror ao corpo, noção difundida pelo imaginário religioso cristão⁵, e na segunda, uma redenção do corpo pelo controle e correção dos males que o afetam.

Este debate surge profundamente estruturado por duas grandes concepções teológicas cristãs acerca da situação do homem no mundo. (...) Um milenarismo otimista da grande restauração com uma esperança de redenção opõe-se a um milenarismo apocalíptico que só timidamente deixa perceber uma esperança de ressurreição (Lecourt; 2003:71).

O imaginário tecnocultural que se expressa nas mensagens midiáticas é alicerçado pela idéia, recorrente na cultura ocidental, de que é possível superar a condição humana, alterando as relações corpo-tempo e corpo-forma. Trata-se de uma visão otimista quanto ao uso da biotecnologia como um conhecimento que pode aperfeiçoar o corpo por meio da tecnologia.

A mídia, nas imagens de corpos de atletas, reafirma a reversão do tempo. A noção de corpo como um “vir a ser”. Dada sua condição mortal, faz sentido concebê-lo como algo por fazer, ou seja, algo que pode sofrer intervenções. Talvez prolongar a vida ou aprimorar o corpo seja uma tentativa de superar a condição dos corpos “normais”. Não se trata de um “vir a ser” para um fim único que, uma vez alcançado, implicaria em satisfação e término das intervenções – como no imaginário religioso que subjuga o corpo para alcançar o paraíso. Nas representações de corpo presentes nas imagens midiáticas que tematizam o esporte, o “vir a ser” aparece como possibilidade de superação dos limites físicos e de construção de um novo projeto de corpo.

A ênfase atribuída às imagens -- a sociedade contemporânea fundamenta-se no espetáculo -- implica uma outra *performance* do corpo, adaptada às atuais exigências da

⁵ Análises a respeito das heranças do imaginário religioso no tecnocultural podem ser encontradas nas já citadas obras de Le Goff (1994); de Lecourt (2003); e de Felinto (2003).



visibilidade e de visibilidade. A proliferação e a divulgação de imagens de corpo de atletas pela mídia constitui um aspecto a ser considerado na possível criação de um novo paradigma visual. O Projeto de um modelo de corpo digitalizado é um exemplo significativo: trata-se de uma re-criação técnico-médica de um corpo, imagem em terceira dimensão, que apresenta o corpo humano numa perspectiva jamais vista. Acrescente-se a este quadro informações da biotecnologia e da genética – chips de DNA e projeto genoma – que trazem à luz questões como a clonagem de embrião humano, a cura de determinadas doenças, dentre outras que afetam nosso olhar e entendimento do corpo.

Na atualidade, o corpo “natural” parece imperfeito demais. O atual estágio de desenvolvimento tecnológico e de conhecimento científico do corpo humano possibilita interferências radicais. O saber ou o conhecimento construído pela medicina, juntamente com o desenvolvimento tecnológico, sugere um poder quase ilimitado sobre o corpo.

Ao sugerir a necessidade de aprimoramento do corpo, prometendo intervenção e controle, as mensagens midiáticas tanto divulgam as atuais representações de corpo pós-orgânico ou transhumano, quanto apresentam-nas como algo factível. Se o corpo perfeito consiste num projeto a ser alcançado pela medicina, pela biotecnologia, dentre outras áreas do conhecimento, o corpo do atleta caracteriza-se como o seu arauto da diluição das fronteiras entre o orgânico e a máquina.

Também os corpos dos atletas de diferentes etnias e culturas que se unem em torno de um objetivo único – a vitória em competições esportivas – aludem ao multiculturalismo ou hibridismo cultural. Sempre presente nas imagens que tematizam o esporte desde o início do século XX, na atualidade tal aspecto fundamenta as discussões a respeito da complexidade da cultura, bem como as tendências de mercado e concepções de marketing. Discorremos a respeito da complexidade cultural no item que se segue.

Identidade mestiça e esporte nas mensagens midiáticas

O Brasil tem fortes traços de complexidade cultural, resultado de uma sociedade cuja formação baseia-se principalmente na policulturalidade. O encontro de elementos culturais deixa na cultura brasileira seus traços de riqueza e como resultado, o convívio com a efervescência e a permeabilidade às mudanças.



Também para Canclini (2000:212), nas sociedades multiculturais predomina uma “heterogeneidade multitemporal” que não se preocupa em substituir o tradicional e o antigo, mas em torná-los parte de uma mesma mescla cultural com identidade mestiça. A riqueza decorrente desta união de várias vertentes culturais -- temporais, geográficas, econômicas etc -- é o extrato resultante entre o academicismo e o popular (ou heterogeneidade sociocultural).

As relações ritualizadas, explica Canclini (*idem*), não permitem aprendizagens autônomas e nem inovações, principalmente porque dificultam o desempenho em situações mutáveis. A flexibilização dos espaços culturais vem solicitando ao homem contemporâneo a flexibilização de aprendizagens e a decorrente criatividade, incitando a produção de inovações e o convívio com as mesmas.

Desta forma, dá-se o que Bakhtin (2000) denomina “efervescência” ou o que para Colón (1996) são as “fissuras das formas culturais hegemônicas”, das quais nos apropriamos e com as quais negociamos nas diversas instâncias culturais. Nota-se o impacto de tais características culturais nas imagens de corpo presentes nas mensagens midiáticas: etnias distintas, cores de pele e cabelos diferentes, compleição física de diversos tipos.

O fenômeno da hibridização promove, pois, o surgimento de novas idéias ou espaços culturais efervescentes, resultante da introdução em determinadas culturas de elementos alheios a ela, provocando o diálogo e o conseqüente nascimento de uma “nova ordem cultural”, segundo termo utilizado por Peter Burke (2003:17).

Estes encontros culturais encorajam a criatividade, e a adaptação dos elementos culturais estrangeiros a culturas locais resulta num grande furor cultural, elevando o repertório e ao mesmo tempo permitindo que elementos das culturas locais continuem presentes. Este fato traz em sua esteira uma das mais importantes questões sociais que são envolvidas de roldão nesta temática: a possibilidade de perda de referenciais dos sujeitos locais dissipa-se em sua quase totalidade.

Sendo a hibridização resultado de múltiplos encontros, não se pode deixar de verificar, neste processo, a busca pela síntese, como ferramenta da construção de novos formatos culturais. Este processo, que inclui um empréstimo de papéis, pode ser denominado transculturação, que se dá, segundo Burke (2003:47), não por substituição mas por acréscimo. Não se eliminam elementos de nenhum dos componentes, mas acrescentam-se características um ao outro: nas mensagens midiáticas que tematizam o esporte, a idéia de complementaridade é uma constante, posto que as habilidades dos

atletas se somam. Para alcançar a vitória, é preciso estar junto sem que se percam as diferenças: somente o conjunto de diferentes habilidades constrói a condição necessária para um time vencedor. A analogia com as sociedades nos parece bastante pertinente quando se trata de pensar as diferenças.

Para Bakhtin, isto se dá via “apropriação” porque escolhem-se alguns itens para apropriar-se e outros para rejeitar-se. Considerando-se a idéia de apropriação e seleção, valorizamos o fator criatividade e o “agente humano”, conforme Burke, concordando com a idéia de que tradução cultural é um mecanismo de encontros culturais que gera novas formas, que são híbridas por princípio. Além de levar em conta o ambiente/contexto, o hibridismo leva também o humano, as escolhas individuais. A tradução, como a conhecemos, leva em conta a experiência individual, outro fator de hibridização.

A partir das idéias de Burke, é possível considerar a mídia e principalmente e a publicidade como uma “cultura com tradição de modificação de tradições”. Ela se permite, do ponto de vista criativo, adequar-se aos veículos, é “uma tradição de tradução” (Burke; 2003: 68).

As mensagens midiáticas apresentam pouca resistência à mudança, dada sua característica híbrida. Assim como existem culturas mais ou menos abertas e fechadas, mais ou menos permeáveis e impermeáveis, existem linguagens, como as da mídia e da publicidade, que se fortalecem na permeabilidade e por isso mantêm-se favoráveis à troca cultural.

Nas mensagens midiáticas, observamos a negociação, ou seja, a “multidisciplinariedade e fluidez da identidade e o modo como ela pode ser modificada ou pelo menos apresentada de diferentes modos em diferentes situações” (Burke 2003: 48). Há sempre num “Movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe em seu novo ambiente”.

Hall (2003c) afirma que o hibridismo é uma poderosa fonte criativa, assim como as imagens fragmentadas, submetidas aos efeitos do desarraigamento. As condições, entretanto, “não dão conta nem da proliferação das formas nem da inventividade mostrada (...) na busca de fórmulas e combinações mestiças”, completa Gruzinski (2001: 226).



Considerações finais

As condições culturais brasileiras favorecem em grande parte o aparecimento de efervescências que por sua vez favorecem as mudanças de todos os tipos. Estas operações podem se dar de diversas formas, sendo uma delas a de inclusão de elementos aos já constituintes de uma cultura.

Os corpos de atletas que representam o multiculturalismo nas mensagens midiáticas que tematizam o esporte são espetaculares, glamourosos, muito diferentes dos corpos híbridos “normais” que observamos na sociedade brasileira. Podemos dizer que o corpo aprimorado presente nas imagens midiáticas esconde problemas de ordem social, entretanto podemos considerá-los representações de nossa vontade de superação das debilidades físicas. O corpo pós-orgânico apresenta-se como possibilidade, posto que está retratado em cenas da vida real -- de competições esportivas.

Trata-se de um corpo bastante próximo, que se prolifera na mídia, e cuja existência parece confundir-se com a de qualquer cidadão, exceto pelo treinamento, controle e esforço físico. Vale lembrar, aqui, do Excesso, característica do neobarroco por nós abordada ao longo do texto.

A Complexidade, outra característica neobarroca por nós abordada, evidencia-se nas imagens de corpos nas mensagens midiáticas que tematizam o esporte quando atletas de etnias e culturas distintas se abraçam. A diluição das fronteiras sociais, bem como a das fronteiras éticas, tal como apresentadas nas mensagens midiáticas, sugere a possibilidade de transformação social. Entretanto, vale mencionar o alerta de Canevacci: o hibridismo cultural tanto pode promover modificações, justaposições e reinterpretções quanto incluir contradições, anomalias, ambigüidades, paradoxos e erros (1996:22).

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES (s/d). *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho, Rio de Janeiro, Ediouro. (s/d)
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: M. Fontes, 2000.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo, RG: Unisinos, 2003.
- CALABRESE, OMAR. *A Idade Neobarroca*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Studio Nobel : Instituto Cultural Italo Brasileiro – Istituto italiano di Cultura, 1996b.



- CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Atica, 2004.
- COLÓN, Eliseo R. *Publicidad Modernidad Hegemonia*. San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1996.
- FELINTO, Erick. “Transhumanismo e mito: notas sobre o culto do ciborgue”, in Cunha, Paulo & Lemos, André (orgs.). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____. *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- LECOUT, Dominique. *Humano e pós-humano*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento Mestiço*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LAPLANTINE, François e NOUSS, Aléxis. *Lé métissage*. Paris: Dominos/flammarion, 1997.
- PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação*. S. Paulo: M. Fontes, 2000.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. Tradução de Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.